

**COI-
LE-
ÇÃO**
EXPLICANDO
GÊNERO



NO FINAL É TUDO DRAG:

ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

Renata Porcellis

Kai Krause

Atena
Editora
Ano 2024

**NO FINAL É
TUDO DRAG:
ESTEREÓTIPOS DE
GÊNERO**

Renata Porcellis
Kai Krause

2024 by Atena Editora

Editora chefe Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora executiva Natalia Oliveira
Assistente editorial Flávia Roberta Barão
Bibliotecária Janaina Ramos

Copyright © Atena Editora
Copyright do texto © 2024 As autoras
Copyright da edição © 2024 Atena Editora
Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelas autoras.
Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva das autoras, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos as autoras, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Multidisciplinar

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof^a Dr^a Aline Alves Ribeiro – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof^a Dr^a Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Prof^a Dr^a Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dr. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná

Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Eufemia Figueroa Corrales – Universidad de Oriente: Santiago de Cuba
Profª Drª Fernanda Pereira Martins – Instituto Federal do Amapá
Profª Drª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Joachin de Melo Azevedo Sobrinho Neto – Universidade de Pernambuco
Prof. Dr. João Paulo Roberti Junior – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Jodeylson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Lisbeth Infante Ruiz – Universidad de Holguín
Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Profª Drª Mônica Aparecida Bortolotti – Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro Oeste
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanesa Bárbara Fernández Bereau – Universidad de Cienfuegos
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ficha Técnica

Título Original

NO FINAL É TUDO DRAG: ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

Autoras

Renata Porcellis

Kai Krause

Revisão de Texto

Rafael Barbosa Porcellis da Silva

Projeto Gráfico e Capa

Bruno Cruz Candido

Ilustração

Gabriela Barcellos da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P833 Porcellis, Renata
No final é tudo drag: estereótipos de gênero / Renata
Porcellis, Kai Krause. - Ponta Grossa - PR: Atena, 2024.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-2767-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.674242207>

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. 3. LGBTQI+. 4.
Orientação sexual. I. Porcellis, Renata. II. Krause, Kai. III.
Título.

CDD 306.766

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166

DECLARAÇÃO DAS AUTORAS

As autoras desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

O projeto “Visibilidade às diferenças na escola” desenvolvido pelo Fora da Caixa - Grupo de pesquisa em educação, gêneros e sexualidades do IFSul - Campus Pelotas, buscou abordar temáticas sobre gêneros, sexualidades, violências, estereótipos, questões étnico-raciais, gordofobia e vivências queer, que fogem das normas heterossexuais, brancas e masculinas.

Utilizando uma linguagem jovem e atual, voltada ao público adolescente na faixa etária entre 14 e 18 anos, tentamos desenvolver um texto atrativo para que a juventude consiga, de fato, apropriar-se dos conhecimentos compartilhados pelos dez livros produzidos, buscando a construção de relações mais empáticas, pautadas no reconhecimento das diferenças entre colegas, professores e gestores no ambiente escolar.

Na escolha das referências para a construção dos textos buscamos utilizar materiais produzidos em diferentes perspectivas visando a descolonização do conhecimento bem como o reconhecimento das vivências e experiências dos grupos oprimidos. Utilizamos, então, textos de teóricas mulheres, negras, gordas, latino-americanas e africanas, junto com referenciais europeus, brancos e masculinos.

O conteúdo dos livros é resultado de um projeto de pesquisa apoiado pela Pró-reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-graduação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul, através do EDITAL PROPESP-BOLSA/ IFSul - Nº 06/2018.

**CO
LE
ÇÃO**

**EXPLICANDO
GÊNERO**

**QUAL É A
DIFERENÇA?**

**SEXO, GÊNERO, EXPRESSÃO
DE GÊNERO E SEXUALIDADE**

**NO FINAL É
TUDO DRAG:**

ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

**VOCÊ VAI SE ARREPENDER DE LEVANTAR A MÃO
PRA MIM!**

VIOLÊNCIAS DE GÊNERO

**NÃO É SÓ SOBRE
PINTOS E XOXOTAS**

TRANSGENERIDADES

**NÃO TEM CABIMENTO
ESSA TAL**

GORDOFOBIA

**ONDE VOCÊ
ESCONDE SEU**

RACISMO?

HOMO. SEXY. UAU!

TUDO SOBRE SER GAY!

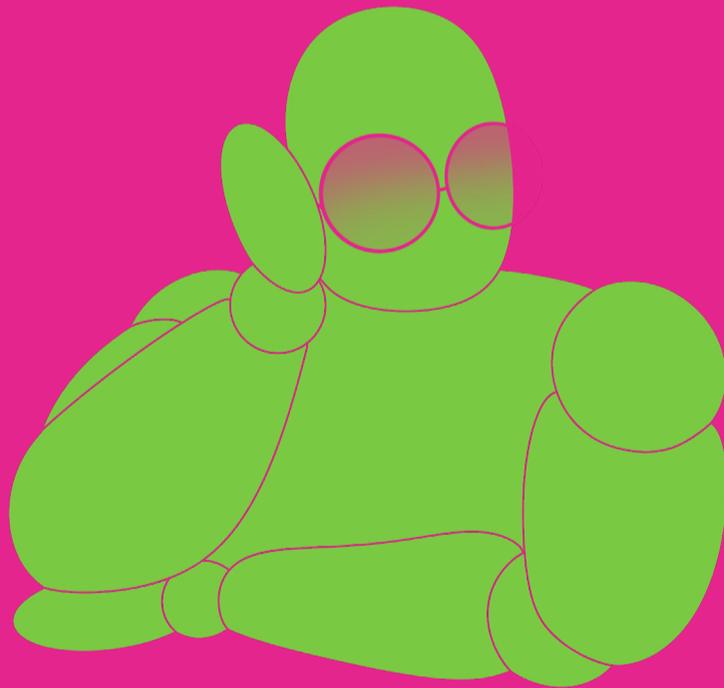
BEM-VINDA AO BREJO!

UTILIDADES SAPATÔNICAS

CUIDADO, ESTE LIVRO É FRÁGIL!

MANUAL DA HETERONORMATIVIDADE

**VULVA, MUITO
PRAZER!**



1. PRA COMEÇO DE CONVERSA

Pra quem caiu de paraquedas, um pequeno resgate.

2. TODA TRABALHADA NA INFORMAÇÃO

Estereótipos de gênero: Pra quê serve esse rolê?

3. NÃO ENTENDEU? A GENTE DESENHA

Todo mundo adora um gráfico de pizza.

4. CAÔ X FATO

Mito ou verdade? Fake News ou real, oficial?

5. BABADO FORTE

“Na minha época não era assim...”

6. PRA NÃO DAR CLOSE ERRADO

Porque, às vezes, é melhor ficar quieto.

7. PRA COLAR NA PROVA

Quer dar um up no vocabulário?

8. PRA STALKEAR GERAL

Tá sem nada pra assistir na Netflix?

9. NÃO PEGOU A REFERÊNCIA?

Fontes que usamos além de Arial 12.

1

**PRA COMEÇO DE
CONVERSA**

Pra quem caiu de paraquedas, um pequeno resgate.

Delicada,
forte,
amorosa,
viril,
mãe,
líder,
frágil,
ativo,
caprichosa,
grosseiro,
dedicada,

multitarefa,
 másculo,
 recatada,
 autoritário,
 submissa,
 confiante,
 emocional,
 provedor,
 apaixonado,
 trabalhador,
 passiva,

racional,
 vaidosa,
 corajoso,
 gentil,
 decidido,
 indecisa,
 pegador,
 ousado,
 discreta,
 agressiva,
 histérica.

Tá vendo essas palavras? Elas formam um conjunto de comportamentos esperados pra meninos e meninas, homens e mulheres. São regras sociais que explicam e justificam diferenças de comportamento na sociedade, produzindo padrões de gênero onde **feminilidades e masculinidades** são algo fixo e de fácil reconhecimento.

De acordo com as **“normas de gênero”**, características como competitividade, independência, agressividade e dominância são esperadas dos homens. Já características como sensibilidade, gentileza, emoção e empatia são esperadas das mulheres. Por que ensinamos as meninas a serem agradáveis, boazinhas e não ensinamos a mesma coisa aos meninos? Quando utilizamos a noção de cavalheirismo, por exemplo, estamos alimentando a ideia da fragilidade e impotência feminina. Não precisamos usar da imagem do homem cavalheiro quando ambos podem ser gentis, o que é bem diferente!

Essas expectativas que a sociedade impõe aos gêneros, como “mulher é o sexo frágil”, “menino não chora” ou “isso é coisa de menino/menina”, são estereótipos de gênero. São regras e padrões que a sociedade impõe que definem comportamentos, sonhos, roupas, tarefas domésticas, modos de se relacionar, profissões, entre outras coisas para meninos e meninas. A gente recebe essas instruções

desde o começo da infância, prendemos os papéis que são considerados adequados para meninos/meninas, homens/mulheres em uma determinada sociedade e a responder a essas expectativas.

Cada sociedade e cada período histórico tem seus próprios estereótipos pra lidar. Nesse livro, a gente vai explorar quais são os estereótipos da nossa sociedade, quais as expectativas pra meninos e meninas aqui no Brasil e no ocidente num geral. Mas, alerta de decepção: esse livro precisa, infelizmente, ser extremamente binário.



2

TODA TRABALHADA NA INFORMAÇÃO

Estereótipos de gênero: Pra quê serve esse
rolê?

Estereótipos são uó, a gente sabe. Mas não é como se a gente conseguisse fugir deles. Infelizmente, eles nos acompanham por toda a vida, mesmo que a gente não concorde com eles. Desde quando a gente é pequeno até a nossa vida adulta, os estereótipos de gênero estão lá pra nos dizer como agir, o que vestir, etc. Mas esses estereótipos não são exatamente iguais em todas as fases da vida, as expectativas de uma bebê não são as mesmas de uma mulher adulta ou de uma adolescente.

Por isso, a gente separou pra você os estereótipos de gênero durante essas três fases, pra você poder se entender enquanto adolescente, se preparar pra vida adulta e, um dia quem sabe, criar seus filhos de uma maneira um pouco mais livre. Mas, vamos com calma e do começo.

A SERENIDADE NO OLHAR DE QUEM NÃO TÁ ENTENDENDO NADA

Desde que o sexo biológico de um bebê é identificado no útero, uma série de divisões de gênero começam a aparecer: o nome da criança, a cor das roupas e da decoração do quarto (rosa para meninas, azul para meninos), os brinquedos escolhidos (bonecas ou carrinhos), o modo de tratamento do bebê (príncipe e princesa), etc. E qual o problema disso?

Usar o termo “princesa”, por exemplo, carrega toda uma ideia simbólica de fragilidade feminina e de superioridade do príncipe que deve salvá-la, defendê-la.

Os brinquedos destinados a meninos e meninas, normalmente, estabelecem uma divisão de “ativo” para meninos (como carros, super-heróis, blocos de montar, armas) e “passivo” para meninas (como bonecas, panelinhas, roupinhas).

Brincar de boneca é coisa de menina;

isso é coisa de viadinho;

tem que aprender a ser homem!

Outro tipo de estereótipo de gênero comum são as diferenças de adjetivos utilizados para meninos e meninas. É mais comum que meninas sejam tratadas no diminutivo: princesinha, bonequinha, anjinho. Por outro lado, meninos são tratados no aumentativo: grandão, bonitão, meninão. Pode parecer apenas uma forma carinhosa de tratamento, mas está carregada de significados de dominação masculina sobre o feminino.

A passividade da menina é tão normalizada que grande parte das bebês, têm suas orelhas furadas sem seu consentimento, apenas para satisfazer uma imagem de feminino idealizada. Já parou pra pensar sobre isso? Furar o corpo de alguém que não pode fazer objeção é abuso! Você seguraria sua mãe para forçá-la a fazer uma tatuagem? Então por que assumir os bebês como uma exceção?



Em contrapartida, os meninos têm, desde cedo, uma criação baseada em violência e com pouco ou nenhum diálogo. Isso acaba gerando meninos e jovens frustrados consigo mesmos, que crescem e se tornam homens violentos. É um ciclo que só dá pra ser quebrado quando os pais perceberem que, eles mesmos, estão criando os filhos com brutalidade.

Você já ouviu a clássica frase machista, “segura as cabritas que meu bode tá solto”? Pois é, antiga e deprimente! Essa frase quer dizer que é preciso ensinar as meninas a serem recatadas perto dos meninos, pois eles seriam naturalmente “predadores sexuais”. Só que isso não é verdade! A

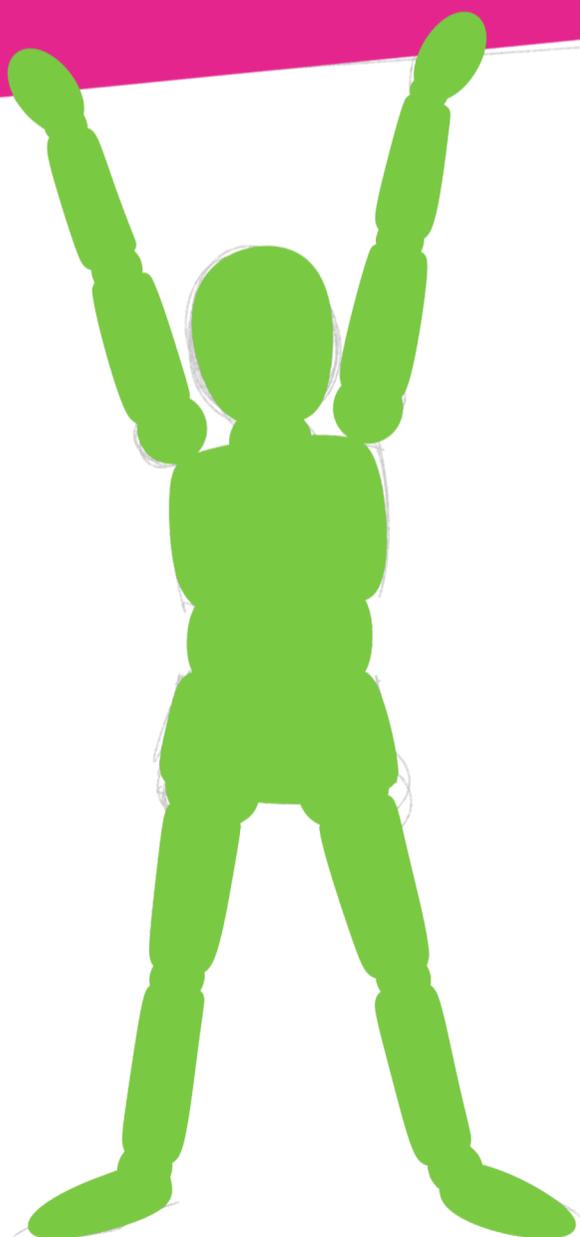
verdade é que os meninos são ensinados a serem assim, através de mídias, histórias infantis e até por meio de frases como essa. O que precisa mudar é essa forma sutil de educar meninos e meninas. Fugir de estereótipos de gênero é muito mais do que ensinar que meninos podem usar rosa e meninas podem brincar de carrinho.

É desde cedo que a aprendizagem das “normas de gênero” começa. As crianças assimilam os papéis que a sociedade determina para cada gênero até os 7 ou 8 anos, reforçando essas características conforme vão crescendo. O aprendizado dessas “normas” não se dá apenas na família: a escola, a mídia e a religião são exemplos que ensinam e reafirmam esses papéis.

Quando ensinamos às meninas que o casamento é um sonho a ser alcançado, e não ensinamos o mesmo aos meninos, provocamos um desejo desigual. As meninas vão crescer preocupadas em arranjar um marido, enquanto os meninos não vão se importar se “ficarem pra titio” (essa expressão nem existe, porque isso não acontece). O que acontece é que as meninas são “treinadas”, desde cedo, para cuidarem de um marido (lavar a roupa, arrumar a casa, fazer comida, etc). Mas é importante lembrar: tarefas como lavar a louça só são entendidas como “cuidar de marido” porque os meninos são criados para serem dependentes de uma mulher que faça isso por eles. Você pode, tranquilamente, trocar “já pode casar” por “já pode se virar sozinha” por exemplo.

As meninas também são educadas, desde cedo, para cuidarem de filhos. Não é à toa que o principal brinquedo que se dá para meninas é a boneca. A maternidade é ensinada desde cedo, mas, por que não acontece o mesmo com a paternidade? Meninos não são ensinados a cuidar do outro e são, até mesmo, repreendidos por brincar de boneca. Essa situação termina em mulheres sobrecarregadas com o cuidado dos filhos e pais despreparados para lidar com a família.

*Importante lembrar:
estereótipos de gênero também são
atravessados por questões raciais.
Enquanto meninas brancas são criadas
para cuidar do marido e dos filhos, as
meninas negras são criadas e cobradas
para cuidarem do marido, dos filhos,
do pai, dos irmãos e, em muitos
casos, dos homens de outra família,
geralmente branca.*



SENTA AQUI JOVEM, VAMOS CONVERSAR



Os estereótipos de gênero são a base na qual construímos uma cultura sexista. As maneiras como os jovens constroem a si mesmos a partir de regras culturais (homem não chora) e expectativas sociais (mulher tem que ser passiva), a construção do que é ser homem e ser mulher na sociedade, é a raiz da desigualdade entre os sexos. Enquanto meninos aprendem a ser viris, fortes, ativos e dominantes, meninas aprendem a ser delicadas, gentis, passivas e úteis (aos homens).

Essas expectativas não afetam apenas as meninas, mas os meninos também. Na escola, qualidades para descrever um “bom aluno”, por exemplo, normalmente se referem a adjetivos relacionados aos estereótipos de **feminilidade**: capricho, atenção, dedicação e disciplina.

Ainda referente à escola, nas aulas de biologia, os estereótipos de gênero estão presentes até no conceito de reprodução. Aprendemos que a fecundação ocorre a partir da corrida dos espermatozóides até o óvulo. Mas isso não é bem assim. Essa ideia está muito mais ligada aos estereótipos de passividade feminina e atividade masculina do que com o processo biológico da fecundação.

OS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO SÃO NOCIVOS E, TAMBÉM, OS GRANDES VILÕES DAS DESIGUALDADES ENTRE OS SEXOS.

Se percebemos que no dia a dia, por exemplo, uma menina que é chamativa demais é criticada e esse comportamento não é reprovado nos meninos ou que um menino que demonstra muito os seus sentimentos é criticado e esse comportamento não é reprovado nas meninas, quer dizer que o problema não está nessas condutas, mas com o **sexismo** e os estereótipos de gênero. Isso vale para

qualquer comportamento ou modos de se relacionar com outras pessoas.

AS AMARRAS FEMININAS

Que a nossa sociedade é machista você já sabe. Mas você consegue pensar em todas as maneiras que ela tem de aprisionar as mulheres? Um bom exemplo, são os padrões de beleza impostos a elas. É comum ouvir que “para ser bonita, mulher sofre”. Essa ideia está diretamente ligada a práticas como se depilar, usar sutiã, salto alto, alisar os cabelos, usar roupas justas, fazer dieta.

Outro exemplo é o uso do sutiã, que já está tão incorporado aos ideais de **feminilidade** que mesmo antes de ter seios, as meninas são incentivadas a usá-lo. É como um “rito de passagem” da infância para a adolescência. A imposição desse acessório está ligada à censura do formato natural dos seios e da evidência dos mamilos femininos. Enquanto homens saem pra rua sem camiseta, com os mamilos à mostra, sem causar choque ou comentários, as meninas e mulheres escondem a existência de seus mamilos, devido aos seios estarem relacionados às fantasias sexuais masculinas. Por isso, “farol aceso” é um insulto, uma provocação. Camuflar os mamilos em sutiãs com bojo, armações, rendas, enchimento, é uma maneira de criar uma imagem irreal de seios redondos, juntinhos, empinados. Essa imagem idealizada dos seios tem uma função: padronizar e sexualizar o corpo feminino. A realidade é que os seios possuem inúmeros formatos e, pasmem, possuem mamilos.



A depilação é outro padrão de **feminilidade**, novamente ligado ao deleite masculino. Uma das desculpas mais usadas para a obrigatoriedade da depilação feminina está

no discurso da higiene: “pelos em mulheres são nojentos”, “são um sinal de relaxamento”. Mas essa ideia é desigual: você sabia que a quantidade de bactérias na barba pode ser comparada com a de um banheiro público? Pois é, tem tantas bactérias na barba de um homem quanto em um vaso sanitário! Na verdade, não se trata de uma questão de higiene, nem de gostar ou não gostar de pelos no corpo feminino, trata-se do corpo da mulher a serviço de uma estética **patriarcal**, do controle social dos corpos femininos. Esse padrão de corpos completamente lisos não é realista, afinal, quando as meninas passam pela puberdade, é normal crescerem pelos. Essa simulação da realidade através da depilação para manter uma imagem infantilizada do corpo feminino é a base da cultura da pedofilia. Aceite: adultos têm pelos. Simples assim! Que tal pensar um pouco sobre isso da próxima vez que for bater gillette no banho?



Outra amarra estética feminina está no uso de salto alto. Eles marcam o status de subordinação das mulheres: dificultam seu equilíbrio, deixam as mulheres com limitações de locomoção, impossibilitam corrida (inclusive para escapar de agressores) e causam dor, alteram a postura e o andar das mulheres. Esse calçado não é feito para ser confortável, mas sim para uma

questão estética, de forma que sua praticidade é mínima. A **fetichização** do salto alto está diretamente relacionada com a “mulher ideal”. Claro que usar salto alto não é algo natural das mulheres, não existe nenhuma relação no cérebro feminino que ocasiona um amor pelos saltos! Este estereótipo feminino, assim como os outros, é pura criação social. Lógico que existem mulheres que acham bonito usar os saltos, mas o problema é quando isso se torna uma obrigação.

A ditadura do corpo ideal também é um dos aprisionamentos femininos. No nosso dia a dia recebemos o tempo inteiro pistas sobre qual corpo é o certo. Vemos

sempre em capas de revistas, na televisão, em concursos de belezas, pessoas consideradas bonitas, na moda. Essas pessoas, na maioria das vezes, são brancas, com traços europeus e saradas. É raro vermos pessoas gordas ocupando espaços de beleza. Essas pistas constroem diariamente o considerado “bonito” pela sociedade. Essa construção é também apoiada por um discurso médico, que reafirma constantemente que o gordo não é saudável. Na realidade, gordura tem pouco a ver com saúde e pessoas gordas podem tão saudáveis quanto pessoas magras.

Isso tudo constrói o que chamamos de pressão estética: a pressão da sociedade para que se atinja um padrão de beleza praticamente inatingível. Mulheres estão acostumadas a ouvir que “nunca ninguém vai te querer gorda desse jeito”, “gorda assim, quem vai te amar?” ou “como você está magra! Parabéns!”. Existe um senso comum, ou consentimento geral, de que mulheres gordas não conseguem ser felizes se não emagrecerem, pois, assim, não conseguirão ser desejadas ou amadas.

Esses discursos levam meninas a buscar o “corpo perfeito”, através de dietas ou fórmulas mágicas que muitas vezes não são saudáveis. Exige-se tanto de meninos, mas mais ainda das meninas, que o corpo seja magro para, inclusive, frequentar certos espaços. Você conhece alguma menina que não vai à praia por ser gorda? Essa pressão faz com que meninas odeiem seus corpos e tentem mudá-los a todo custo, buscar dietas das mais variadas, passar horas em academias e até desenvolverem distúrbios alimentares. A sociedade reforça sempre que, não apresentando o corpo ideal, as meninas não conseguirão atrair o desejo de um homem e acabarão “ficando pra titia”. A pressão em cima do corpo de uma mulher carrega por trás a obrigatoriedade social de agradar um homem.

“Emagreça, se depile, seja boazinha, senta como mocinha, case, acate, limpe, cuide, seja mãe, fale baixo.”

A CENSURA DA VIDA SEXUAL FEMININA



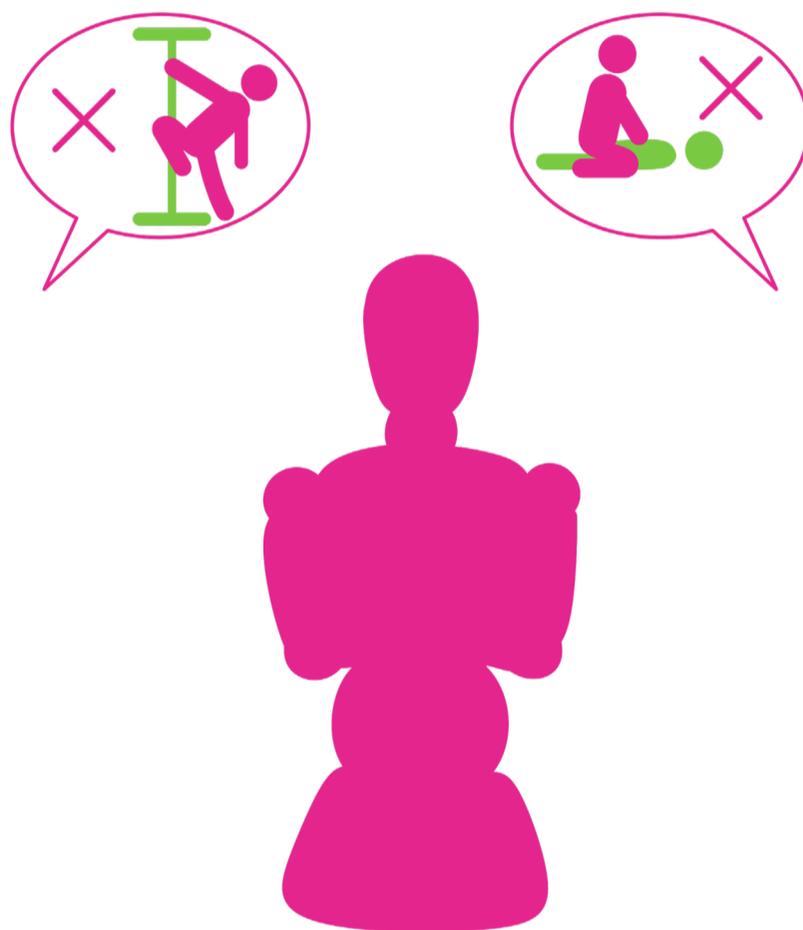
As críticas enfiadas em relação à sexualidade feminina caminham de mãos dadas com as algemas do **patriarcado** e o estereótipo da mulher recatada. Quando o assunto é sexo, fica evidente as diferenças de tratamento para homens e mulheres. A repressão sexual feminina está atrelada a proibições e moralismos convencionados pela sociedade para controlar sua sexualidade. A verdade é que o sentimento de vergonha e culpa ligado à sexualidade é resultado da educação (ou falta dela) das meninas.

As meninas, desde cedo, aprendem que se tocar é algo feio e condenável: “tira a mão daí!”, “fecha as pernas!”. Isso a gente já sabe né? Dessa forma, meninas crescem sem desenvolver uma relação de intimidade com o próprio corpo. Não é de se admirar que em uma pesquisa da USP, publicada pela Veja/SP, foi constatado que 40% das mulheres nunca se masturbaram.

Mulheres que falam de sexo, que assumem seus desejos e excitações, ainda são malvistas pela sociedade, diferente de homens que falam sobre sexo e demonstram seu interesse e atividade para se mostrarem “másculos”. A repressão sexual feminina se mostra quando um homem fala que não namoraria uma menina que transa no primeiro encontro ou quando rotula uma menina de vadia porque usa roupa curta. Isso acontece porque os estereótipos de gênero “proíbem” as mulheres de serem sexualmente ativas, forçando-as a se preocuparem apenas com o casamento.

Só pra ter uma ideia: uma pesquisa realizada em 2014 pela empresa Sex Wipes de São Paulo com homens heterossexuais com idades entre 18 e 30 anos, revelou que 53% dos entrevistados não faziam sexo oral em suas parceiras. Entre os que alegavam manter essa prática, 35% revelaram ter nojo e praticá-lo apenas para retribuir a mulher ou por medo de ser considerado gay. O fato é que estes homens alegaram se incomodar com o cheiro ou aspecto da vulva.

E novamente o nojo do corpo feminino mostra suas garri-nhas! A vulva é vista como feia e suja na lógica **misógina** e a grande quantidade de produtos comercializados para diminuir e disfarçar o odor vaginal só reforçam esse preconceito. Como nenhum preconceito anda sozinho, a estrutura racista impõe como padrão de vulva, a vulva rosadinha, pequenininha e lisinha considerando, inclusive, vulvas de outras cores, mais sujas e feias.

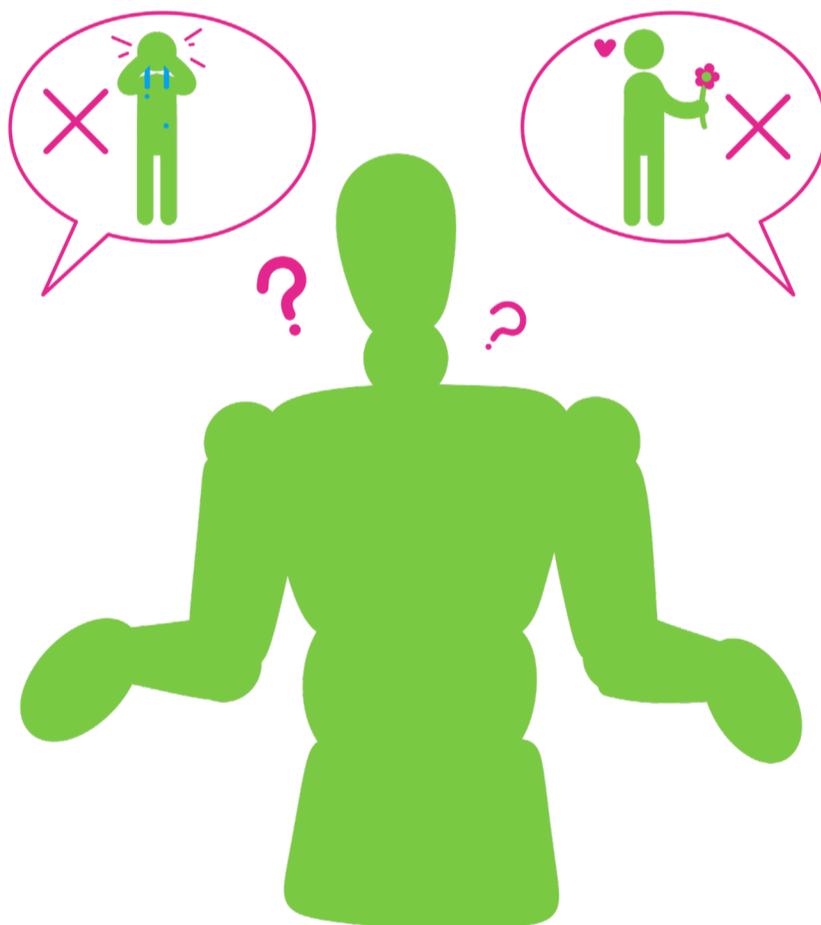


A CENSURA DA VIDA EMOCIONAL MASCULINA

Sabe aquela frase clássica: “homem não chora”? Pois então, ela esconde por trás o estereótipo do homem “forte”, pra não dizer “insensível”. Os meninos são ensinados desde cedo a engolir as emoções, não expressar afeto (a menos que seja com uma mulher) e sofrerem sozinhos. Quando foi a última vez que você conversou com seu melhor amigo sobre como estava se sentindo? Ou quando seu último

namoro terminou, você chorou no ombro do seu amigo ou fingiu que estava tudo bem, que já tinha partido pra próxima? Não expressar emoções, não as nomear e não entender o que sentem, faz com que os meninos utilizem a linguagem da violência para se expressar. A figura do pai influencia muito na maneira como os meninos entendem o que é ser homem. Isso significa, na maioria dos casos, ser distante, impessoal e fechado sobre os próprios sentimentos.

Demonstrações de afeto entre homens são repreendidas desde cedo. Enquanto meninas são incentivadas ao carinho, os meninos são ensinados que só se pode ser carinhoso com uma mulher. Já reparou que o famoso cumprimento dos dois beijinhos nunca acontece entre dois homens heteros? E você, quando foi a última vez que abraçou o seu amigo?



VIDA ADULTA:

O QUE TÁ CONTE SENO?

Na vida adulta, os problemas só aumentam: os estereótipos de gênero se estendem à vida profissional, aos trabalhos domésticos, à maternidade e por aí vai!

A ideia de que os homens são os provedores financeiros da família e mulheres são as responsáveis pelos cuidados da casa, das crianças, dos idosos e dos doentes ainda é profundamente enraizada na nossa cultura. A mídia reforça esses estereótipos quando direciona propagandas de produtos de limpeza às mulheres (e, diga-se de passagem, elas sempre representam família nuclear heterossexual e branca). Ou você já viu alguma propaganda de sabão em pó voltada aos homens?

LAVAR LOUÇA NINGUÉM QUER, NÉ?

Muitos estereótipos são produzidos cotidianamente: “lugar de mulher é na cozinha”, “isso é trabalho de homem”, “mulher esquenta a barriga no fogão e esfria no tanque”. Mas cozinhar, limpar, ser mãe não são coisas que vêm conectadas com a vulva. Essas tarefas são aprendidas durante a vida, e todos temos capacidade de desenvolver essas habilidades. O que ocorre é que desde a infância as meninas são incentivadas a brincar com bonecas, roupinhas, panelinhas, vassourinha. Tudo que leve ao aprendizado da maternidade e cuidados do lar.

Sabe aquela imagem da mulher fazendo o jantar, cuidando dos filhos, limpando a casa enquanto o homem está no sofá assistindo TV e tomando cerveja? Lamento dizer isso, mas, tá ultrapassada, não acha? Pensa comigo: a ideia da mulher multitarefa, da supermãe é boa pra quem?

E a clássica frase: “ah, mas eu ajudo um pouco”? Ao dizer que homens estão “ajudando”, o que fica implícito é que trabalho doméstico é tarefa de mulher e que homens merecem aplausos por “cooperar” nessas tarefas.

Parabéns, você não faz mais que sua obrigação, querido! Não existe trabalho de homem ou de mulher, o que existe são tarefas para fazer. Ambos têm igual responsabilidade, então largue de mão a expressão “ajuda” do seu vocabulário. Que mudança surpreendente você pode fazer? Que tal começar por dividir com sua mãe o trabalho doméstico?

E O SALÁRIO, Ó...

Na vida profissional homens e mulheres têm, com poucas exceções, um direcionamento entre áreas “compatíveis” com seu gênero. Claro que essa diferença tem tudo a ver com a educação que recebemos. Pensa comigo: se meninas são incentivadas a brincar de boneca, fazer comidinha e meninos a brincar com carros, helicópteros, jogos de montagem, o que pode acontecer? Exato! Divisão do trabalho em áreas femininas e masculinas onde o trabalho feminino tem menos reconhecimento e remuneração.

Vamos mostrar um exemplo: sabe porque o trabalho de professor é tão mal remunerado? Nós te contamos! Lá no início do século passado, com o grande movimento de industrialização no Brasil, muitos professores homens foram retirados das escolas para ocupar os novos postos de trabalho nas indústrias. Foi nesse momento que mulheres começaram a ocupar os postos de professoras e começou uma associação entre magistério e cuidados com as crianças. Aos poucos a docência passou a ser entendida como um trabalho feminino e, visto que as mulheres dessa época eram sustentadas pelos maridos ou pais, a feminilização do magistério causou a desvalorização dessa profissão, pois o salário era visto apenas como um dinheiro extra.

E mais: você já ouviu alguém falar em empregado doméstico? Dono de casa? Rei do lar? Quando falamos em secretária, por exemplo, pensamos em mulheres que servem em consultórios médicos, escolas, empresas. Por outro lado, secretário, normalmente, se refere à secretaria

de saúde, de educação, de finanças, de governo. Sentiu a diferença?

Sempre que falamos sobre desigualdade salarial entre homens e mulheres, é importante lembrar que as pesquisas, dados e discursos são brancos. Isso porque, enquanto as mulheres brancas estavam começando a ocupar o espaço das nossas professoras, as mulheres negras já ocupavam o lugar de faxineira, copeira, cozinheira. Às mulheres negras, a sociedade brasileira reserva a dona de casa, a empregada, a ama de leite, servindo não apenas aos homens, mas também às mulheres brancas. Com oportunidades de emprego majoritariamente voltadas à servidão, as mulheres negras recebem muito menos do que mulheres brancas e homens negros.

PESQUISAS APONTAM QUE NINGUÉM PEDIU SUA OPINIÃO

Ainda sobre brincar de bonecas: as meninas estimuladas a brincarem com bonecas se referem a elas como “filhinha” e os adultos reforçam a ideia chamando a menina de “mãe” da boneca. Esse é o primeiro papel ensinado às meninas. Essa menina vai crescer entendendo esse papel como primordial à vida das mulheres, vai ouvir que maternidade é sagrada, que ser mãe é um dom divino, que esse é o maior amor do mundo, que mulheres só estão completas quando tem filhos.

Ela será incentivada a homenagear sua mãe como “rainha”, “supermãe”, “mãe é uma só” ou com adjetivos como cuidadosa, dedicada, carinhosa, guerreira, corajosa, perfeita, infalível. Essa criança, sutilmente, está sendo orientada a ser mãe. Então estamos dizendo que toda mulher é “obrigada” a ter filhos? Estamos dizendo que a ideia de ser mãe é introjetada nas meninas. É uma vida inteira sendo ensinada por todos os lados para o papel da maternidade. Se não se casar, com o passar do tempo ela

será cobrada para ter filhos. Se demorar muito, será alertada para seu “relógio biológico”. Se mostrar desinteresse pela maternidade, irão dizer que com a idade o desejo surge. Se não puder ter filhos, será cobrada para adotar. Não importa como, as mulheres devem se tornar mães! As mulheres são levadas a acreditar que sem filhos, possuem um vazio existencial, uma vida sem finalidade, que chegarão à velhice tristes e solitárias. A isso chamamos maternidade compulsória.

Vamos pensar que você passou a vida inteira escutando que amarelo é a melhor cor, que você deveria usar apenas amarelo, que quem não usa amarelo é um pessoa condenável, que você só será uma pessoa completa quando usar amarelo, que você foi menosprezada quando disse que quer usar verde... Será que conseguiríamos dizer que o desejo de usar amarelo é legitimamente seu? Que é uma coisa que você realmente deseja? Que é realmente uma escolha? Não querer ser mãe deveria ser tão natural quanto querer ser! Mas as mulheres que optam por não ter filhos ainda precisam, infelizmente, dar muitas satisfações à sociedade.

**SÓ DINHEIRO NÃO
RESOLVE!**

Sabe aquela ideia do homem provedor? Que trabalha o dia inteiro e é a única fonte de sustento da casa? Pois é, essa ideia já tá bem batida. As mulheres

também trabalham e também participam do sustento da casa. Porém, aquela outra ideia, de que as mulheres são as cuidadoras do lar, ainda está longe de ser superada. O que aconteceu foi o surgimento da dupla jornada de trabalho, quando as mulheres, além de trabalharem, cuidam da casa sozinhas.

Uma das maneiras dos homens contribuírem contra essa desigualdade é superar a ideia do homem provedor e protetor do lar. Trocar a ideia de proteção pela ideia do cuidado, significa construir **masculinidades** que participem da vida do lar, das tarefas domésticas e do cuidado com filhos. O problema é que essas mudanças encontram

resistências. Você já parou pra pensar, por exemplo, na expressão “pau mandado”? Quando um homem escuta e recebe ordens da esposa ou participa minimamente das tarefas domésticas ele é tachado de “pau mandado”, já que, obviamente, quem deveria ser “mandada” era a mulher. Superar essas ideias machistas é urgente e necessário.

**O QUE VOCÊ DEIXOU
DE FAZER PELOS
ESTEREÓTIPOS?**



3

NÃO ENTENDEU? A
GENTE DESENHA

Todo mundo adora um gráfico de pizza.

*Dados com diferença de
gênero marcante*

**HOMENS SE SUICIDAM
QUATRO VEZES MAIS DO
QUE MULHERES.**



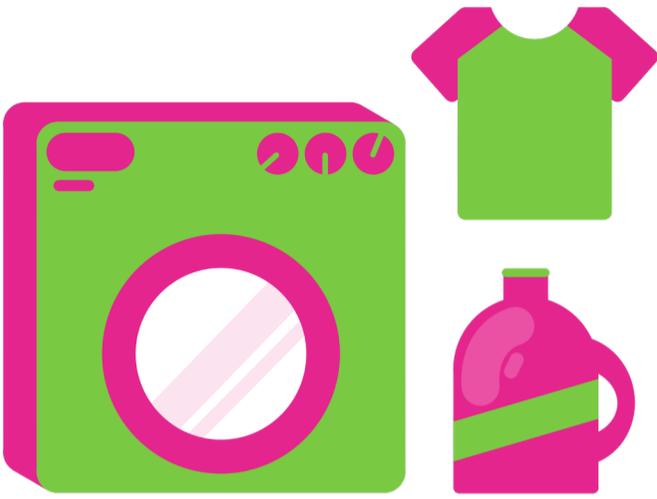
**QUANDO SOFREM
ABUSO SEXUAL, HOMENS
DEMORAM VINTE ANOS
PARA FAZER UMA
DENÚNCIA.**

A cada dez diretores e gerentes, quatro são mulheres, mas o rendimento delas é

29%
MENOR

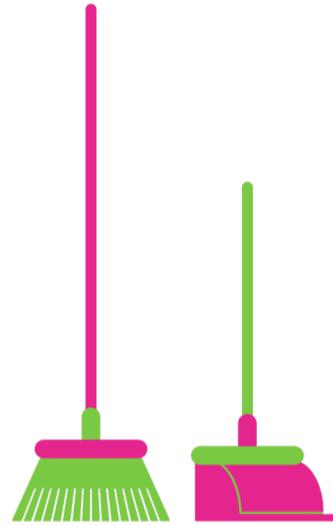


O rendimento mensal médio das mulheres é **22% menor** do que o dos homens. Quando comparadas mulheres e homens com ensino superior completo, a **diferença é de 38%**



Somente **14%**
dos homens
lavam a roupa,

25% varrem a
casa e/ou
cozinha



33% lavam a
louça,



50% fazem
compras



Mulheres são mais escolarizadas do que os homens: para ensino médio completo a diferença é de

10,3%



Já para ensino superior a diferença é de **3,4%**
entre pessoas negras e 2,8% entre
pessoas brancas.

A quantidade de mulheres que praticam esportes, em comparação aos homens é

40%

MENOR



e nenhuma mulher está no ranking dos 100 atletas mais bem pagos do mundo.

4

CAÔ X FATO

Mito ou verdade? Fake News ou real, oficial?

AH, MISERICÓRDIA! X RINDO DE NERVOSA

* Meninos não choram



A biologia ainda procura explicações para o curioso fato de o cromossomo Y inibir o desenvolvimento de canais lacrimais. Aguardamos notícias...

* Toda mulher quer ser mãe



Trago verdades: mulheres não são incubadoras!

* Mulher não joga futebol



Mulher com “M” de menininha? Não, fofa; M de Marta, de melhor jogadora do mundo.

* Homens preferem pouca maquiagem



Que tal eles passarem só uma base pra corrigir a vergonha que tão passando.

* Fica feio mulher falando palavrão



“Vai tomar no c*!”

- Dercy Gonçalves

5

BABADO FORTE

“Na minha época não era assim...”

O QUE TEM A VER A TPM?



Desde pequenos ouvimos que durante a famosa TPM, as mulheres ficam “loucas”, “estressadas”, “irracionais”... Porém, estudos científicos mostram que não há correlação entre alteração de humor e o ciclo menstrual. Essa ideia é apenas uma desculpa social para homens apontarem reações emocionais femininas como irrelevantes nesse período. É claro que hormônios mudam o comportamento, tanto em homens quanto em mulheres, porém, afirmar que mulheres se tornam emocionalmente instáveis durante a fase da TPM é apenas uma construção social para desmerecer a fala e o comportamento feminino.

CRENDICES SOBRE A MENSTRUÇÃO AO REDOR DO MUNDO



Brasil:

Não pode lavar a cabeça quando está menstruada. Mulher menstruada não deve fazer bolo porque abatuma;



Afganistão:

Lavar a vulva durante o período menstrual contribui para a infertilidade nas mulheres;



Índia:

Mulheres ficam impuras, imundas, doentes e até mesmo amaldiçoadas durante este período (são proibidas de ir à cozinha, entrar no templo e sentar com outras pessoas);



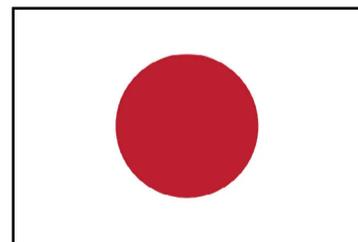
Bolívia:

O sangue menstrual pode causar câncer (as mulheres carregam uma sacolinha onde jogam o lixo menstrual para não “contaminar” lixo comum);



Bangladesh:

O lixo menstrual deve ser queimado ou enterrado para não atrair espíritos ruins;



Japão:

A menstruação altera o paladar das mulheres.

COR SEMPRE TEVE GÊNERO?

Até o começo da Primeira Guerra Mundial, as pessoas não se importavam com a cor das roupas das suas crianças. Isso era irrelevante diante de taxas de mortalidade infantil extremamente altas. Essas questões, surgiram por volta de 1910, quando foi decidido que seriam designadas cores para cada sexo: azul era para meninas e rosa era para meninos. Isso mesmo! Rosa era uma cor mais forte e adequada para um menino, enquanto azul era mais delicado e bonito para uma menina. Foi só nos anos 40 que as cores foram trocadas e o rosa passou a ser “cor de menina”.

MENINO CHORAVA, SIM!

Em culturas como a da Grécia Antiga, passando pela Idade Média, até o Romantismo era esperado que homens chorassem, principalmente se a honra da sua família estivesse correndo algum risco. Isso era considerado um grande sinal de **masculinidade**. Lágrimas eram celebradas como demonstração de honestidade, integridade e força.

POR QUE APLAUDIR UM PAI?



Apesar de hoje considerarmos algo especial um pai trocar fraldas, alimentar o filho e lavar a louça, as pessoas até o século XIX julgavam isso como o mínimo de um pai fazer. Ao invés de discutir de quem era essa tarefa, as famílias simplesmente cuidavam para que os filhos crescessem e pudessem ajudar no trabalho rural. A atual divisão do trabalho doméstico, ou seja, basicamente todo o trabalho é da mulher, surge junto com a Revolução Industrial. Isso porque quem trabalhava nas indústrias tinha que passar de 10 a 12 horas fora de casa e a maioria dos empregados eram homens



6

PRA NÃO DAR
CLOSE ERRADO

Porque, às vezes, é melhor ficar quieto.

Você deve ter percebido que, ao longo de todo esse livro, a gente mostrou várias frases, expressões e termos que são usados de forma sexista e machista. Mas elas não são todas: o que menos falta é criatividade na hora de dizer absurdos. Dá uma olhada em mais alguns exemplos de expressões completamente sexistas e desligadas da realidade.

Mulher não tira carteira de motorista, tira porte de arma!

70% das infrações de trânsito são causadas por homens. Parece que o jogo virou, não é mesmo?

Meninas amadurecem mais cedo.

Boa desculpa para a erotização precoce das meninas

Ele corre que nem uma menina.

Sim, botando uma perna na frente da outra.

A única coisa que mulher pilota bem, é fogão.

Você sabia que o seguro de veículo é mais barato pras mulheres? Isso porque elas dirigem melhor do que os homens e se envolvem menos em acidentes de trânsito.

Mulher e carro, quanto menos rodados, melhor!

Pode girar, virar, voltear, rolar pra bem longe do cara que falou isso.

7

PRA COLAR NA
PROVA

Quer dar um up no vocabulário?

- * **Feminilidade-** conjunto de características, comportamentos, atributos, interesses, funções e expectativas socialmente construídas, associados às meninas e às mulheres.
- * **Fetichização-** a palavra vem de fetiche que é um foco de excitação sexual para alguma parte do corpo do companheiro ou para peças de roupas, acessórios relacionados a ele. Os objetos, sozinhos, são simples objetos. É quando estão no corpo de uma mulher ou um homem que se tornam alvo de desejo. O fetichista não sente atração pela mulher ou homem como um todo somente por uma parte dele ou algo relacionado a ele.
- * **Machismo-** é a noção de que as características físicas e culturais masculinas são superiores às femininas. Um tipo de violência que discrimina características femininas como um todo: mulheres, homens homossexuais, etc.
- * **Masculinidade-** conjunto de características, comportamentos, atributos, interesses, funções e expectativas socialmente construídas, associados aos meninos e aos homens.
- * **Patriarcado-** é o sistema social no qual os homens detém poder hierárquico e são considerados superiores às mulheres. Predominam em lideranças políticas, autoridades espirituais, privilégios sociais e controlam os bens e a propriedade.
- * **Sexismo-** o sexismo está ligado aos estereótipos de gênero, colocando as pessoas nas caixinhas homem/mulher. Ele pode afetar qualquer gênero, moldando as pessoas de acordo com os estereótipos, mas é mais forte com as mulheres.

8

PRA STALKEAR
GERAL

Tá sem nada pra assistir na Netflix?

SÉRIES E FILMES



Anne With an E

(2018)

Moira Walley-Beckett



Sinopse: Depois de treze anos sofrendo no sistema de assistência social, Anne é mandada para morar com uma mulher solteira e o irmão. Com sua imaginação e intelecto, a pequena Anne vai transformar a vida da família adotiva e da cidade que lhe abrigou.

Steven universo

(2013)

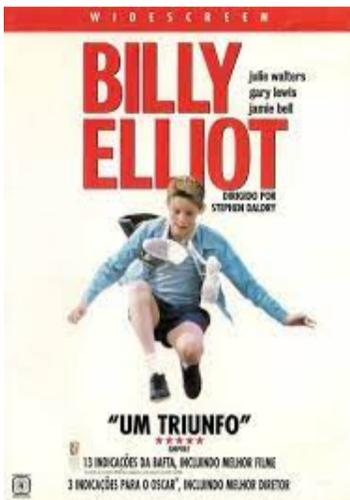
Rebecca Sugar



Sinopse: Steven é um garoto que, junto das Crystal Gems, precisa proteger o mundo de ameaças alienígenas, enquanto tenta descobrir como usar seus poderes.

Billy Elliot(2001)

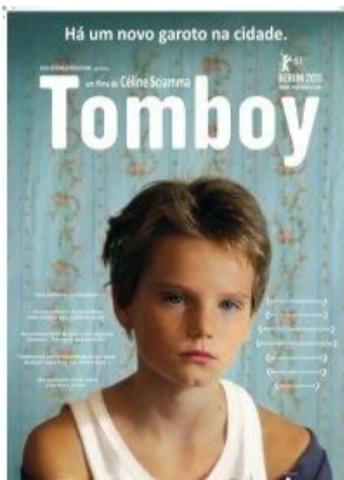
Stephen Daldry



Sinopse: Billy Elliot é um garoto de 11 anos que é obrigado pelo pai a treinar boxe. Na mesma academia onde pratica o esporte, são realizadas aulas de dança clássica. Billy fica fascinado pelo balé e, incentivado pela professora, descobre que tem talento para a dança.

Tomboy (2012)

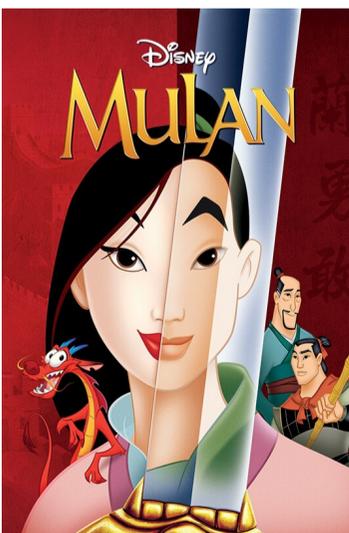
Céline Sciamma



Sinopse: Laure é uma garota de 10 anos, que vive com os pais e a irmã caçula. A família se muda e Laure conhece Lisa, que a confunde com um menino. Laure, que usa cabelo curto e gosta de vestir roupas masculinas, aceita a confusão e assume a identidade de “Mickaël”.

Mulan (1998)

Tony Bancroft, Barry Cook



Sinopse: Quando os mongóis invadem a China, o imperador decreta que cada família ceda um homem para o exército imperial. Ao ver seu velho e doente pai ser convocado, por ser o único homem da família, Mulan rouba sua armadura e espada, se disfarça de homem e se apresenta no lugar do pai.



Valente (2012)

Brenda Chatman, Mark Andrews

Sinopse: Merida foi criada pela mãe para ser a sucessora perfeita ao cargo de rainha, seguindo a etiqueta e os costumes do reino. Mas a garota não tem a menor vocação para esta vida, preferindo cavalgar e praticar o tiro ao alvo. Quando uma competição é organizada para escolher seu futuro marido, Merida decide recorrer à ajuda de uma bruxa. Quando o feitiço surte efeito, a transformação da rainha não é exatamente o que Merida imaginava.



Pequena miss sunshine (2006)

Valerie Faris, Jonathan Dayton

Sinopse: Nada funciona para a família de Olive, até que ela é convidada para participar de um concurso de beleza para meninas pré-adolescentes. Durante três dias ela e os familiares deixam as suas diferenças de lado e se unem para atravessar o país numa kombi amarela enferrujada.



VÍDEOS



Revelando estereótipos que no nos representan

<https://www.youtube.com/watch?v=H1C-vG4yBMI>



Professora Faz Experimento Na Sala Para Desconstruir o Machismo

<https://www.youtube.com/watch?v=l6OApon5s2k>

9

NÃO PEGOU A
REFERÊNCIA?

Fontes que usamos além de Arial 12.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

AMARAL, Maria Clara Estanislau do. **Percepção e significado da menstruação para as mulheres.** 2003. Dissertação (Mestrado em Tocoginecologia) Faculdade de Ciências Médicas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo.

BRASIL. IBGE. **Estatísticas de Gênero mostram como as mulheres vêm ganhando espaço na realidade socioeconômica do país.** 31 de outubro de 2014. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?busca=1&id=1&idnoticia=2747&t=estatisticas-genero-mostram-como-mulheres-vem-ganhando-espaco-realidade-socioeconomica-pais&view=noticia>>. Acesso em: 14 de abril de 2018.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Entre o azul e o cor-de rosa: normas de gênero.** in: LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. Diferentes, não desiguais. São Paulo: Reviravilta, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **"Estranhar" o currículo.** in: LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 16a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

O SILÊNCIO dos homens. Direção de Ian Leite e Luiza de Castro. São Paulo: Monstro Filmes, 2019. 1 DVD (60 min.)

ROGEIRO, Margarida. **Papéis de gênero: rosa para meninos e azul para meninas?** 2017. Disponível em: <<http://www.psicoajuda.pt/psicologia-infantil/papeis-de-genero/>> Acesso em: 26 de março de 2018.

SOARES, Ana Carolina. **40% das mulheres não se masturbam, aponta nova pesquisa da USP.** Veja São Paulo. 2016. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/blog/sexo-e-a-cidade>> Acesso em: 11 de abril de 2018.

SOBRE AS AUTORAS

RENATA PORCELLIS



É gaúcha, mora desde a infância na cidade de Pelotas. Formada em artes visuais pela UFPel, especialista e mestre em educação pelo IFSul. Mãe da Samar e da Clara, duas meninas, uma trans e outra ainda uma bebê. Atualmente trabalha no Núcleo de gênero e Diversidade Sexual (NUGEDS) do IFSul campus Pelotas.



KAI KRAUSE

Nascido e crescido em Pelotas. Formou-se técnico em Química pelo IFSUL - Campus Pelotas e, até hoje, não sabe porque fez isso. Estudante de Licenciatura em Filosofia na Universidade Federal de Pelotas, futura bicha professora que busca educar para a diferença. Ainda tentando entender o que faz na Filosofia... Detesta escrever sobre si mesmo na terceira pessoa.

**Este livro digital foi escrito e
produzido entre
2018-2024.**

**Utilizou as fontes da família
Gotham, Black Rider e MV Boli.**